

**RELAÇÕES DIALÓGICAS NO DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
BRASILEIRA OITOCENTISTA: UM OLHAR SOB O PRISMA DA
METALINGUÍSTICA BAKHTINIANA**

DIALOGIC RELATIONS IN THE BRAZILIAN SCIENTIFIC DISSEMINATION FROM
THE 19TH CENTURY: A LOOK IN THE LIGHT OF THE BAKHTINIAN
METALINGUISTICS

Urbano Cavalcante Filho¹

RESUMO: O presente artigo busca apresentar uma análise metalinguística de um dos aspectos da arquitetura da divulgação científica brasileira do século XIX materializada nos enunciados concretos das *Conferências Populares da Glória*: a questão das relações dialógicas. Para isso, adota como aporte teórico-metodológico a análise/teoria dialógica do discurso proposta por Bakhtin, com o objetivo de mostrar como o enunciado de divulgação científica estabelece relações dialógico-semânticas com enunciados de outras esferas ideológicas, a exemplo dos enunciados científicos, filosóficos e religiosos em circulação no contexto sociodiscursivo do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Análise dialógica do discurso; Metalinguística; Relações dialógicas; Divulgação científica; *Conferências Populares da Glória*.

ABSTRACT: The present study aims at presenting a metalinguistic analysis of one of the Brazilian scientific dissemination architectonics aspects of the 19th century, materialized in the concrete utterance of the *Conferências Populares da Glória*: the issue of dialogic relations. For such, it adopts as a theoretical-methodological support the discourse analysis and dialogic theory proposed by Bakhtin, aiming to show how the scientific dissemination utterance establishes dialogic-semantic relations with utterances from other ideological spheres, as example of scientific, philosophic and religious utterances in circulation in sociodiscursive context of the nineteenth century.

KEY-WORDS: Dialogic discourse analysis; Metalinguistics, Dialogic relations, Scientific dissemination; *Conferências Populares da Glória*.

¹ Doutorando em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); *Chercheur Doctorant* no Departamento de *Sciences du Langage* da *Université Paris Ouest Nanterre La Défense* (Paris X-Nanterre), na França; Mestre em Letras: Linguagens e Representações e em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-Ilhéus/BA); Professor de Português do Instituto Federal da Bahia – *Campus Ilhéus*. E-mail: urbanocavalcante@usp.br.

INTRODUÇÃO

Compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração.

Mikhail Bakhtin

Neste artigo, propomos apresentar resultados parciais obtidos com a investigação de doutoramento em curso junto ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP)², cujo objetivo geral da pesquisa é analisar a arquitetura da divulgação científica no Brasil no século XIX, materializada nos enunciados concretos das *Conferências Populares da Glória*³. O aporte teórico-metodológico convocado para iluminar as reflexões propostas na investigação é a teoria dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, entendendo que, embora o privilégio de Bakhtin tenha sido o estudo do discurso literário, com a análise de Rabelais, Goethe e Dostoiévski, interessou também ao filósofo russo o estudo do discurso cotidiano, filosófico, científico e institucional.

Para este trabalho, meu objetivo central é mostrar como o enunciado de divulgação científica estabelece relações dialógico-semânticas com enunciados de outras esferas ideológicas, a exemplo dos enunciados científicos, filosóficos e religiosos em circulação no contexto sociodiscursivo do século XIX. Ou seja, pretendo mostrar, tomando as *Conferências Populares da Glória* como *corpus*, a forma como o enunciado de divulgação científica é marcado por diversas modalidades de diálogo com os enunciados de outras esferas da cultura.

As partes que compõem o presente artigo estão assim distribuídas: primeiramente, apresento uma breve contextualização histórica sobre o início das atividades de divulgação científica no Brasil no século XIX; em segundo lugar, apresento as *Conferências Populares*

² Pesquisa realizada com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2014/09509-6, sob a orientação da Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo, na linha de pesquisa Linguística Textual e Teorias do Discurso no Português do Grupo de Estudos do Discurso da USP (GEDUSP/CNPq).

³ As *Conferências Populares da Glória* constituem uma das principais atividades de divulgação científica ocorridas no Brasil no século XIX, mais precisamente na segunda metade do século.

da Glória, o objeto de estudo de nossa investigação; em terceiro lugar, minha atenção se volta para tratar da Metalinguística, enquanto respaldo teórico que iluminará as análises das relações dialógicas observadas nos enunciados concretos das tais conferências; as análises, por fim, constituem a última parte do desenvolvimento do trabalho, acompanhadas das considerações finais e das referências que alicerçaram o presente estudo.

O BRASIL NO SÉCULO XIX E AS ATIVIDADES DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

No decorrer dos séculos, a atividade de divulgação científica respondeu a variados interesses e motivações. No século XIX, mais precisamente, na sua primeira metade, no Brasil, essa atividade teve início com a criação da Imprensa Régia, em 1810. Dessa forma, textos e manuais voltados para a educação científica, apesar de serem em número reduzido, começaram a ser publicados ou, pelo menos, difundidos no país. Segundo Massarani e Moreira (2002), vários deles eram manuais para o ensino das primeiras academias de engenharia e medicina, em geral traduzidos de autores franceses. Nesse período, os primeiros jornais como *A Gazeta do Rio de Janeiro*, *O Patriota* e o *Correio Braziliense* (editado na Inglaterra) publicaram artigos e notícias relacionados à ciência.

Para Sant’Ana (2009), até a vinda da corte portuguesa para o Brasil, “o país vivia, até então, total ignorância na divulgação de fatos e notícias, pois a leitura e os estudos eram privilégios dos filhos da nobreza, que podiam se dar ao luxo de estudar na Europa...” (SANT’ANA, 2009, p. 7).

No entanto, foi na segunda metade do século XIX que se deu a intensificação da atividade de divulgação científica. Esse período é visto como um momento de acentuada efervescência social, cultural, política e econômica no Brasil.

O século XIX foi marcado pelo aparecimento e difusão de teorias científicas de cunho determinista – positivismo, evolucionismos, naturalismo, darwinismo social, marxismo. Originárias da Europa, essas matrizes de pensamento foram propagadas, discutidas e redefinidas para além do velho mundo (CARULA, 2007, p. 2).

Assim, no contexto brasileiro da segunda metade desse século, pertencer ao mundo civilizado era o que desejava larga parcela da elite do Brasil. Era preciso que o país alcançasse o desenvolvimento das sociedades civilizadas, tendo as europeias como referência. Só que, para isso, argumenta Carula (2007), para chegar a esse patamar, era necessário o

conhecimento das ciências e, especialmente, das ciências naturais. A ciência era vista, sobretudo pelas camadas letradas, como o veículo que levaria o país a percorrer o caminho rumo à civilização.

É nessa conjuntura que emerge a importância das atividades de difusão do conhecimento científico; afinal, para se atingir a civilização era necessária tanto a difusão quando o domínio desse conhecimento na sociedade. Partindo dessa premissa, muitas atividades foram feitas com esse intuito⁴, a exemplo da criação das *Conferências Populares da Glória*, que tiveram início em 1873 e continuaram até a primeira década do século XX.

Nessa segunda metade do século XIX, vê-se a criação de muitos periódicos, a exemplo da *Revista Brasileira – Jornal de Ciências, Letras e Artes*, criada em 1857, que incluía entre seus redatores vários intelectuais. Em 1876, foi lançada a *Revista do Rio de Janeiro*. Outra revista, criada em 1881, foi *Ciência para o Povo*, uma publicação semanal com a maioria dos artigos sobre ciência, em particular saúde e comportamento. Desse período, uma revista humorística, a *Revista Ilustrada*, publicada por Angelo Agostini, ficou famosa pelas belas ilustrações e pela ironia com que tratava os problemas políticos. Do ponto de vista da ciência, Agostini produziu também ilustrações que ironizavam o interesse do imperador pela astronomia, em particular sobre as expedições astronômicas financiadas pelo governo. A *Revista do Observatório* circulou entre os anos de 1886 e 1891.

Mesmo considerando essas atividades de publicação de periódicos, em 1873, iniciou-se uma atividade de divulgação científica que, na opinião de Fonseca (1996), é uma das mais significativas da história brasileira e que duraria quase 20 anos: as *Conferências Populares da Glória*, objeto de abordagem da próxima seção.

AS CONFERÊNCIAS POPULARES DA GLÓRIA: BREVE HISTÓRICO

A prática de conferências públicas sobre ciência teve início no Brasil com a chamada Expedição Thayer (1865/66) em que o naturalista americano Louis Agassiz realizou algumas

⁴ Em pesquisa realizada por Massarani e Moreira (2002), dentre essas atividades encontra-se a criação de vários periódicos. “Do ponto de vista da divulgação da ciência nos periódicos, a análise do catálogo da Biblioteca Nacional mostra que, ao longo de todo o século, foram criados cerca de 7.000 periódicos no Brasil, dos quais aproximadamente 300 relacionados de alguma forma à ciência. Com ‘periódicos relacionados à ciência’ queremos dizer aqueles produzidos por instituições ou associações científicas ou ainda que tinham em seu título a palavra ‘científico’ ou ‘ciência’. Na realidade, boa parte deles, mesmo com o título de “científicos”, trazia muito pouco material com conteúdo de ciência, limitando-se a notícias curtas ou curiosidades científicas. Ainda assim é significativo, e um reflexo do contexto cultural da época, o fato de trazerem explicitamente em seus títulos a referência à componente científica (real ou não)” (MASSARANI; MOREIRA, 2002, p. 45).

das primeiras conferências científicas destinadas a um público ilustrado aqui no Brasil (MASSARANI; MOREIRA, 2002).

No entanto, foi no ano de 1873 que se iniciou uma das atividades mais significativas da história da divulgação científica do país, “que, ao que parece, tiveram impacto significativo na elite intelectual do Rio de Janeiro” (MASSARANI; MOREIRA, 2002, p. 48).

As *Conferências Populares da Glória*, denominação recebida em virtude de serem realizadas em escolas públicas localizadas na Freguesia da Glória, no Município da Corte (Fonseca, 1996, p. 1), tiveram início em 1873 (mais precisamente em 23 de novembro), tendo como idealizador e coordenador o senador do Império, conselheiro Manoel Francisco Correia, senador do Império, e tinham como meta “divulgar um conhecimento científico entre a camada letrada da cidade do Rio de Janeiro” (CARULA, 2007, p. iii). Em 1889 tais conferências foram interrompidas, sendo retomadas em 1891. De todo o período de ocorrência das conferências da Glória, os estudiosos comungam da ideia de que, entre os anos de 1873 e 1880, foi o mais representativo, considerando que as preleções ocorreram de maneira mais sistemática e em maior quantidade, contando com a participação dos mais importantes expoentes das ciências biomédicas no país (FONSECA, 1996). Em sua pesquisa de Mestrado, Carula contabilizou 355 conferências, considerando seu início em 1873 até dezembro de 1880.

O temário abordado pelos conferencistas era vasto, incluía um conjunto amplo e eclético de conhecimentos (atualidade científica, liberdade do ensino, obrigatoriedade do ensino, pedagogia, filosofia, instrução pública, educação da mulher, geografia, história, literatura), ou seja, desde temas essencialmente culturais (literatura, teatro, história das civilizações, educação) até temáticas intrínsecas ao conhecimento das diversas ciências (matemática, biologia, medicina, botânica, ciências físicas).

Com o objetivo de registrar as conferências proferidas e em virtude do acolhimento do público, J. M. de Almeida e H. Chaves resolveram publicá-las mensalmente. Assim, muitas conferências foram publicadas conjuntamente, em 1876, sob a forma de uma publicação, de curta existência, igualmente intitulada *Conferências Populares da Glória*⁵.

⁵ Os 10 volumes estão disponíveis em versão digital no sítio da Biblioteca Nacional <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/confer%C3%A2ncias-populares>>.

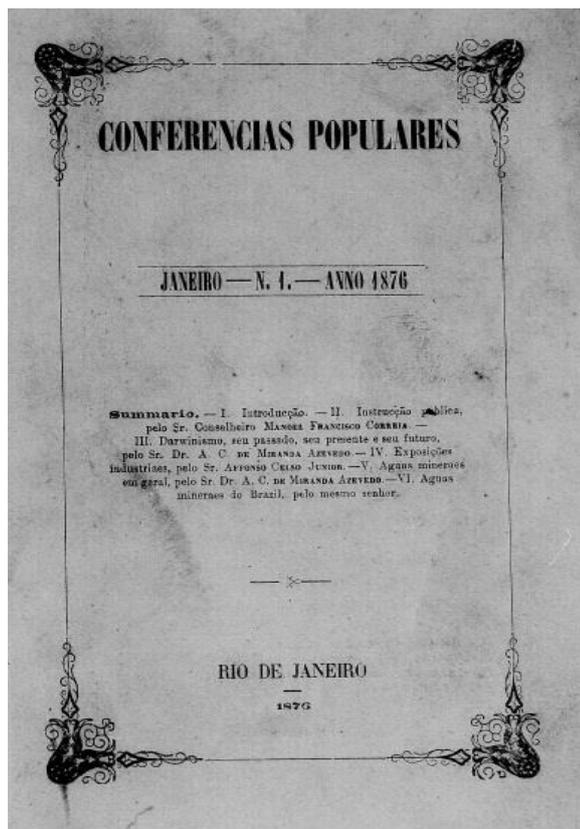


Ilustração: Capa da Revista *Conferências Populares da Glória*⁶

Em forma de revista mensal impressa, *Conferências Populares*, além de publicar as preleções realizadas naquele ano, editou algumas realizadas anteriormente, sob a direção do próprio Manoel Francisco Correia. Em formato pequeno, com mais de cem páginas por edição, era impressa na Typographia Imperial e Constitucional de J. de Villeneuve & Cia., no nº 65 da rua do Ouvidor.

A METALINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS

Para desenvolver a análise que proponho neste artigo, adoto como aporte teórico-metodológico a análise/teoria dialógica do discurso proposta por Bakhtin. Trata-se de um método de investigação ancorado na Metalinguística. A Metalinguística, também denominada

⁶ Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/278556/per278556_1876_00001.pdf

de Translinguística por Todorov em sua tradução para o francês (1981), é encarada como a disciplina cujo objeto de análise pressupõe levar em consideração as dimensões linguística e extralinguística do enunciado, ou seja, o método utilizado por essa ciência encara o enunciado concreto não exclusivamente sob o prisma linguístico, com análise dos fenômenos puramente da língua; mas considera, primordialmente, a relação desses enunciados com os horizontes sociais aos quais eles se inscrevem.

Por esse motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na Metalinguística, subentendendo-a como um estudo - ainda não constituído em disciplinas particulares definidas - daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam - de modo absolutamente legítimo - os limites da Linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a Linguística e devem aplicar os seus resultados. A Linguística e Metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência” (BAKHTIN, 2002, p. 181).

Em seu artigo *Épistémologie et genres du discours dans le cercel de Bakhtine*, ao discutir o projeto de estudo do programa da metalinguística em oposição à linguística⁷ da língua, afirma:

En d’autres termes, le domaine premier de la linguistique est la langue déconnectée des énonciations singulières et particulières, c’est ce qu’entend Milner, par exemple, lorsqu’il affirme que la linguistique et la grammaire s’intéressent aux propriétés du langage qui restent intactes lorsqu’un énoncé est déconnecté des conditions singulières de son énonciation. Dans un deuxième temps, Bakhtine présente la linguistique et la métalinguistique comme l’étude du même phénomène, le mot, sous des angles différents. Malgré cette proximité, selon lui, Bakhtine nous avertit que les deux domaines ne doivent pas se confondre. Enfin, la métalinguistique s’intéresse aux phénomènes de dialogue qui, tout en appartenant au domaine de la langue, ne se restreignent pas à elle, puisqu’ils sont aussi de nature extra-linguistique⁸ (GRILLO, 2007, p. 21).

⁷ Essa oposição bakhtiniana refere-se ao contexto da Linguística do início do século XX, cuja concepção de língua era a de um sistema abstrato de formas linguísticas, e não como um fenômeno social da interação verbal marcado por sua natureza sócio-histórica e ideológica.

⁸ “Em outras palavras, o campo primeiro da linguística é a língua desconectada das enunciações singulares e particulares, este é o entendimento de Milner, por exemplo, quando ele afirma que a linguística e a gramática estão interessadas nas propriedades da linguagem que permanecem intactas quando um enunciado é desconectado das condições singulares de sua enunciação. Em segundo lugar, Bakhtin apresenta a linguística e a metalinguística como o estudo do mesmo fenômeno, a palavra, a partir de ângulos diferentes. Apesar desta

Dessa forma, observamos que Bakhtin não dispensa a Linguística, embora pretenda propor um estudo do discurso que ultrapasse os resultados obtidos pela Linguística. Ou seja, a proposta é, a partir de seus resultados, estudar as relações dialógicas, objeto de estudo da Metalinguística: “Les rapports de dialogue (y compris les rapports de dialogue entre le sujet parlant et sa propre parole) sont l’objet de la métalinguistique⁹” (BAKHTINE, 1970, p. 212).

O que interessa para a Metalinguística, portanto, são as relações dialógicas, ou seja, as relações de sentido entre os enunciados, resultantes do diálogo entre enunciado e realidade, sujeito e outros enunciados, isto é, o discurso aqui é concebido como “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística” (BAKHTIN, 2002, p. 181).

Dessa forma, com esse método, salientamos a importância de se pensar “a respeito da natureza da enunciação e dos gêneros do discurso, ou seja, a maneira como as condições de produção condicionam e são condicionadas pelos aspectos enunciativos” (GRILLO, 2003, p. 1).

Na abordagem metalinguística, o contexto sócio-histórico configura-se peça imanente do discurso. No estudo dos enunciados, ela não isola nem desconsidera as análises propriamente linguísticas; antes, leva-as em consideração juntamente com os elementos extralinguísticos, estes últimos, por sua vez, são considerados imprescindíveis para a construção concreta de sentido.

Ainda, para Bakhtin, a constituição e o funcionamento dos enunciados estão condicionados às esferas sociais de comunicação em que estes se inserem e circulam. Considerando que muitas são as esferas sociais de atividade humana, os sujeitos, nas suas mais variadas atividades, irão fazer uso da língua por meio dos gêneros discursivos, a partir das influências e determinações sociocomunicativas que cada esfera apresenta, pois “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social”. (VOLOCHINOV, 2009, p. 33). Em outros termos, para cada esfera de produção, circulação e recepção de discursos, existem gêneros apropriados. Dessa forma,

proximidade, disse ele, Bakhtin nos adverte que os dois campos não devem ser confundidos. Finalmente, a metalinguística se interessa pelos fenômenos do diálogo que, embora pertençam ao domínio da língua, não se restringem a ela, uma vez que eles também são de natureza extra-linguística” (Tradução minha).

⁹ “As relações dialógicas (incluindo as relações de diálogo entre o sujeito falante e sua própria fala) são objeto da Metalinguística” (tradução minha).

os enunciados produzidos pelos sujeitos, as escolhas lexicais, os objetivos específicos de cada atividade, entre outros aspectos, são influenciados/determinados pelas tais esferas, enquanto formas de organização das condições de produção e circulação dos discursos, bem como a distribuição dos lugares sociais dos sujeitos e das instituições envolvidas no processo de interação verbal.

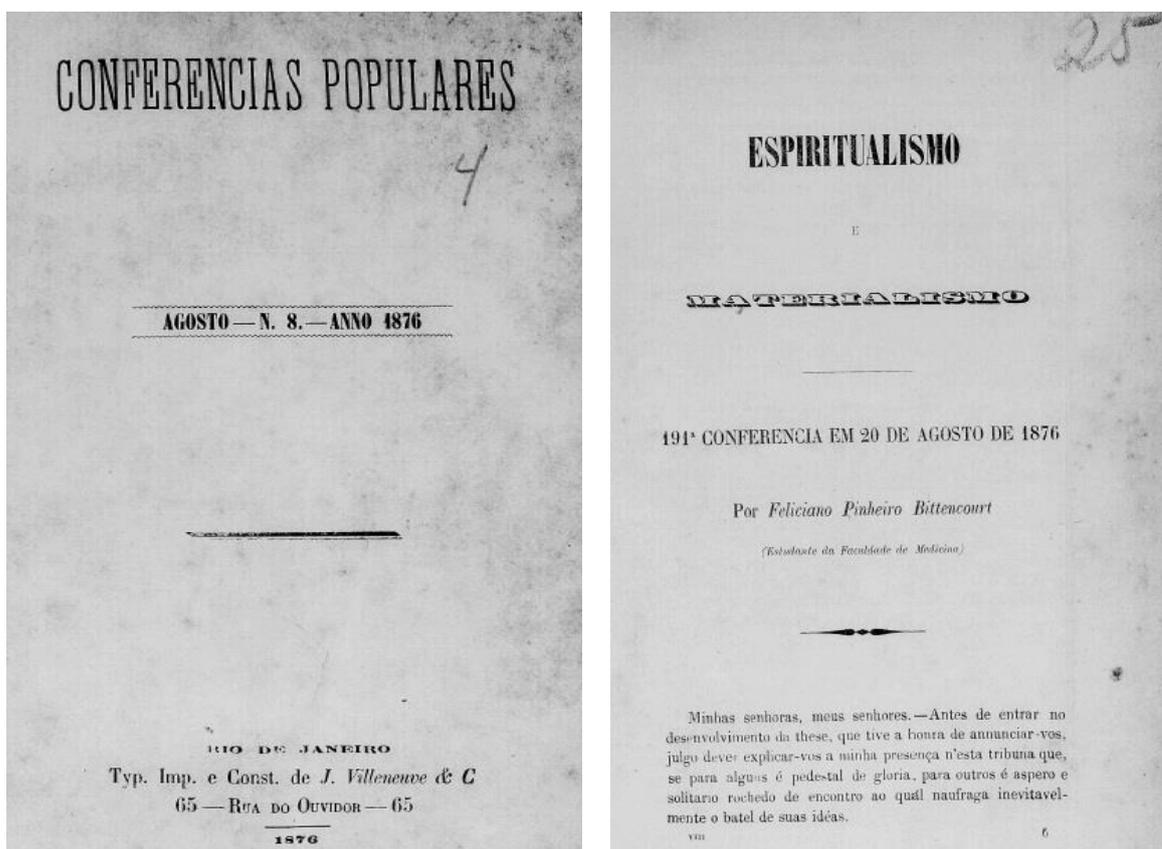
Aportados, portanto, nos pressupostos da metalinguística bakhtiniana, não encararemos as *Conferências Populares da Glória* apenas como texto, com consideração exclusiva de sua potencialidade semântica da língua, mas considerando seu sentido em um contexto sócio-histórico situado.

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NAS *CONFERÊNCIAS POPULARES DA GLÓRIA*: BREVE ANÁLISE

Como já dito, as *Conferências Populares da Glória* são consideradas como um dos principais espaços públicos de divulgação científica do Brasil, dentre tantos outros ocorridos na segunda metade do século XIX. Nesta seção, meu objetivo é apresentar uma breve análise, escolhendo uma das conferências constituintes de nosso *corpus* de investigação, no intuito de buscar, na singularidade desse dizer, as relações dialógico-semânticas que seus enunciados concretos estabelecem com enunciados de outras esferas ideológicas, a exemplo dos enunciados científicos, filosóficos e religiosos em circulação no contexto sociodiscursivo do século XIX.

Com esse propósito, escolhi a conferência intitulada *Espiritismo e Materialismo*¹⁰, proferida por Feliciano Pinheiro Bittencourt 20 de agosto de 1876. Trata-se da 191ª conferência constante do Volume 8 da publicação *Conferências Populares* (1876), já mencionado anteriormente.

¹⁰ Em virtude da impossibilidade de anexar a conferência integral neste artigo, indicamos sua leitura no sítio da Biblioteca Nacional, disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/278556/per278556_1876_00008.pdf > pp. 40-53.



Figuras 1 e 2: Capa do volume 8 e primeira página da conferência em análise

O primeiro critério motivador para a escolha dessa conferência como objeto dessa análise é o fato de seu autor ter sido o orador que mais proferiu conferências na *Tribuna da Glória* (como também eram conhecidas as *Conferências Populares*), no período compreendido entre 1873 (ano de inauguração) e 1889 (ano da interrupção das conferências), segundo Carula (2013). Decorrente desse critério (o conferencista), a escolha foi motivada ainda por esta ser a primeira conferência enunciada por ele.

Feliciano Pinheiro Bittencourt possuía formação em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e atuava como professor do Liceu de Artes e Ofícios. No Colégio D. Pedro II, foi

professor de história e corografia, após 1882. Sua participação nas preleções na Tribuna da Glória se deu na abordagem dos mais variados temas, a exemplo de medicina, antropologia, história, evolucionismo, higiene, entre outros.

Esse autor, no início de sua conferência já enuncia e anuncia sua predileção por assuntos científicos:

Moço e entusiasta pela sciencia, desejando ardentemente inscrever um dia o meu obscuro nome no magestoso portico do templo do saber, não costuma ser indiferente ás lutas incruentas da intelligencia, aos combates pacificos do talento, onde quer que elles se travem, qualquer que seja a sua arena” (BITTENCOURT, 1876, p. 42)¹¹.

Com isso, esse conferencista, no papel de sujeito e autor, assume a responsabilidade de contribuir para o debate na época, expondo dois temas de extrema importância e assumindo o compromisso de, no diálogo com seu interlocutor, convencê-lo da tomada de uma posição. Ao fazer isso, assume a intenção de se imortalizar por meio da produção científica, bem como constrói uma representação da esfera científica, marcada pelo conflito, pela polêmica, pelo debate entre os sujeitos da esfera científica.

Podemos afirmar que a escolha desse assunto para ser tema da conferência se deu pelo fato de que, considerando o contexto sócio-histórico mais amplo, a sociedade do século XIX estava diante de um momento em que “no Ocidente, o conhecimento científico tornou-se o crivo obrigatório da sociedade. A este conhecimento aliou-se a razão, o progresso e o materialismo. Juntos refletiam o lado luminoso da sociedade”, argumenta a historiadora Eliane Moura Silva (2002, p. 1). Aliada a essa conjectura de valorização do conhecimento científico, há também o surgimento do tema do espiritualismo que, na Europa, aparece forte e intimamente ligado ao Iluminismo. Assim, como argumenta Freitas Gil, a “popularidade do espiritismo pode ser explicada [...] por sua finidade com a noção de progresso e de cientificidade” (2010, p. 188). Na Europa, o surgimento da preocupação com esse tema pode ser entendido como um movimento de contrapartida ao materialismo e ao dogmatismo do período (FREITAS GIL, 2010). Esse movimento ocorrido na Europa acaba por influenciar o Brasil na discussão dessas questões. Inferimos, assim, com base nesse estudo, que o pensamento da época era: se um tema desse merece atenção e está ocorrendo em um país

¹¹ As transcrições dos trechos das conferências são reproduzidas fielmente aqui como foram publicadas, respeitando sua ortografia e sintaxe originais.

“civilizado” e “moderno”, é preciso que o Brasil esteja nessa esteira de pensamento, pois o desejo é alcançar esse patamar de civilização; e os países europeus serviam de referência para tal fim.

Além de uma vontade individual de determinado sujeito tratar de um determinado tema, assumir seu ponto de vista, marcando o tom de seu discurso, assumindo sua responsabilidade de discursar a partir do domínio do assunto e ser reconhecido intelectualmente no meio social em que está inserido, ocorre, indiscutivelmente, a influência advinda do contexto sócio-histórico e ideológico da época. Trata-se de contexto fortemente influenciado pelo pensamento positivista do século XIX. Dessa conjectura resulta um enunciado disposto a dialogar com outros discursos, a exemplo do materialista e do espiritualista:

Da segunda metade do século XIX em diante, duas vozes dissonantes alimentaram uma polêmica recíproca: a causa da ciência e da natureza em nome de uma religiosidade exclusivamente secular. Contra esta extrema secularização, levantaram-se os direitos irrevogáveis da consciência, da deficiência insanável da Razão e do poder sobre-humano do Sagrado e do Mistério (SILVA, 2002, p. 25).

Como pode ser observado, trata-se de uma temática com forte repercussão na Europa, que acabou por influenciar as práticas sócio-discursivas aqui no Brasil. Tanto é que o próprio orador justifica a escolha do seu tema pela expressão “por ser hoje questão da moda” sem especificar em que contexto se dá a discussão, pois pressupõe ser do conhecimento dos seus interlocutores:

(1) Sendo assim, meus senhores, parece que me posso justificar perante vós, dizendo-vos que escolhi espiritualismo e o materialismo para objecto d’esta minha despreziosa conferencia, por ser hoje questão da moda fallar-se do espirito e da materia, pretendendo-se negar a existencia do primeiro, e attribuir tudo, tudo explicar ate mesmo a vida e suas manifestações, pela materia e as propriedades phisicas, que lhe são inherentes” (BITTENCOURT, 1876, p. 42)¹².

Com a conferência *Espiritualismo e Materialismo* estamos diante de um autor que assume essa responsabilidade e vai responder ética e discursivamente, elaborando seu

¹² A partir daqui todos os trechos retirados da conferência objeto de nossa análise serão referenciados somente com o número da página onde aparecem na conferência *Espiritismo e Materialismo* de Feliciano Pinheiro Bittencourt, antecidos de um numeral entre parênteses indicando a sequência.

discurso, enquanto ato dialógico, levando em consideração o seu interlocutor, as condições sócio-históricas, os enunciados com os quais dialoga e marcando axiológico-semânticamente seu projeto de dizer, como veremos na sequência dessa exposição.

Um outro aspecto da manifestação das relações dialógicas do enunciado da conferência diz respeito ao diálogo com enunciados/discursos de outros campos da cultura, como o científico, o filosófico e o religioso, só para citar esses três.

Assim, as relações dialógicas como princípio estruturador do sentido são constitutivas em termos arquitetônicos, mesmo que os enunciados, em sua estrutura composicional, apresentem ou não tais marcas. Os diálogos que ocorrem entre os enunciados concretos, enquanto fenômeno de natureza semântica, apresentam sujeitos concretos, responsivos e inacabados.

Um primeiro aspecto que destacamos é a relação dialógica que essa conferência estabelece com os enunciados da esfera científica. Trata-se da convocação do discurso científico, por exemplo, para justificar como, na idade média, a ciência reivindicava de um método eficaz para se fazer ciência:

(2) Nos fins do século XVI, meus senhores, quando já organizava a escolastica, quando já aproximava-se do seu termo o período philosophico conhecido sob a denominação de – período da idade média – as sciencias não so philosophicas, como phisicas e mathematicas, resentião-se sobretudo de falta de methodo para poderem ser compreendidas e estudadas com proveito (p. 44).

O discurso científico também aparece nessa teia discursiva como fio dialógico que respalda as explicações do autor na defesa de sua tese:

(3) Com efeito, a sciencia tem demonstrado, de uma maneira inconcussa, que uma das propriedades phisicas da materia é a *inercia*; isto é, a materia é por si mesma inerte, precisa sempre de um agente impulsor para pôr-se em movimento (p. 50).

Vemos ao longo do enunciado que o diálogo com o discurso científico é constante. No intuito de ir derrubando as posições dos filósofos e estudiosos que vão de encontro à sua tese, o autor lança mão de explicações científicas para refutar as teses. Vejamos:

(4) Assim é o *fígado*, ou *glandula hepatica*, órgão material, composto, visível, ponderável, etc., secreta a *bilis*, substancia igualmente material, composta, visível, ponderável, divisível, etc. (p. 49).

A relação dialógica do enunciado conferência também se dá com o discurso religioso. Após introduzir a questão do materialismo na preleção, o autor dialoga com o discurso religioso, trazendo enunciativamente a ideia de Deus como fundamento do espiritualismo. Aliás, tratar de espiritualismo já é uma situação discursiva favorável ao diálogo com enunciados da esfera religiosa. Aproveitamos para esquematizar isso que estamos discutindo no quadro abaixo, no intuito de mostrar as relações dialógico-semânticas estabelecidas entre diferentes esferas e seus discursos.

Quadro 1 – Relações dialógicas na conferência *Espiritualismo e Materialismo*

Discurso Científico	(5) “Nos fins do século XVI, meus senhores, quando já organizava a escolastica, quando já aproximava-se do seu termo o periodo philosophico conhecido sob a denominação de – periodo da idade média – as sciencias não so philosophicas, como physicas e mathematicas, resentião-se sobretudo de falta de methodo para poderem ser compreendidas e estudadas com proveito”. (p. 44)
	(6) “Com efeito, a sciencia tem demonstrado, de uma maneira inconcussa, que uma das propriedades physicas da materia é a <i>inercia</i> ; isto é, a materia é por si mesma inerte, precisa sempre de um agente impulsor para pôr-se em movimento”. (p. 50)
Discurso religioso	(7) “Todas as causas terrenas são finitas, relativas, secundarias; pois bem, remontando-nos por uma successão de causas, chegaremos á causa primeira, a – causa causarum – de todas as cousas, chegaremos á idéa de Deus. E assim conheceremos as demais noções absolutas, sempre pelo mesmo processo”. (p. 46)
	(8) “Conhecida a idéa de Deus, temos o primeiro fundamento do espiritismo; o segundo é a alma humana, cuja existencia se demonstra ainda por um processo semelhante ao que acabo de indicar”. (p. 47)
Discurso filosófico	(9) “Foi elle quem, depois de haver dito em physica “dai-me a força e o movimento, e farei o mundo, “ousou dizer em phylosophia “dai-me a consciencia e a razão, e terei o homem, e todas as verdades que elle pôde conhecer!”
	(10) “Foi Reid, com effeito, o primeiro que, separando a percepção da sensação que envolve, collocou-a no numero das nossas faucldades originaes; de mod que, segundo a doutrina d’este philosopho,

	conhecemos o <i>mundo externo</i> por meio d’essa faculdade especial do nosso espirito, chamada – <i>percepção externa</i> ; assim como conhecemos o <i>mundo interno</i> por essa outra faculdade denominada – <i>percepção interna</i> , senso intimo, ou <i>consciencia</i> ”. (p. 45)
--	---

Com essa demonstração, confirmamos que o enunciado de divulgação científica, tal como apresentado nessa breve análise, configura-se como uma modalidade de relação dialógica entre os discursos da esfera científica e de outras esferas.

É interessante mencionar que o fenômeno das relações dialógicas já vem anunciado. Ao dizer que não fará uma exposição baseada em numerosos autores, o autor admite:

(11) Preferirei apenas a opinião de alguns, que julgo mais competentes na materia, pois que eu sempre entendi que a minha leitura, quando não é bem pensada e reflectida, quando não é convenientemente digerida, produz males incalculaveis, gera ordinariamente a meia sciencia que é o mais possante, o verdadeiro obstaculo contra todo e qualquer progresso real (p. 43).

É justamente essa “opinião de alguns” que materializará a relação que esse enunciado estabelece com outros enunciados e discursos que circulam em outras esferas como a científica, a filosófica, a religiosa, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos o acontecimento das *Conferências Populares da Glória*, pensando no projeto como um todo, e na conferência sobre o materialismo e o espiritualismo, em particular, estamos diante de um fato que já constitui um ato de resposta ao contexto discursivo mais amplo. Essa característica responsiva do enunciado da conferência sob análise constitui um elo na cadeia de comunicação da sociedade, apresentando-se como um espaço privilegiado de manifestações das relações dialógicas próprias do universo do discurso.

Nesse sentido a metalinguística oferece a possibilidade de se “esmiuçar os campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como os sujeitos aí instalados” (BRAIT, 2012, 13).

A partir dessas considerações, afirmamos que é por meio da metalinguística que podemos observar as relações dialógico-semânticas que os enunciados e discursos

estabelecem com outras esferas da comunicação humana. Isso ratifica, portanto, a pertinência da perspectiva bakhtiniana ao se analisar o discurso, pois, ultrapassando os limites de uma abordagem dos elementos internos da língua, dissociado de suas condições sócio-históricas de produção, podemos perceber a heterogeneidade e a pluralidade de vozes que habitam os enunciados. O que temos, portanto, é uma abordagem analítico-interpretativa que aponta para a percepção de características e elementos do discurso (a exemplo de um contexto sócio-histórico de onde emerge uma produção discursiva), que uma abordagem meramente linguística/estruturalista não daria conta de fazer. Por isso que foi possível perceber, com o pressuposto teórico-metodológico da metalinguística bakhtiniana, que o discurso de divulgação do século XIX materializado na conferência *Espiritualismo e Materialismo* (objeto de análise deste artigo) se manifesta constitutiva e dialogicamente imbricado com a esfera ideológica onde é produzido e seu enunciado estabelece relações de sentidos com outros enunciados e discursos produzidos e em circulação em outras esferas da comunicação humana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTINE, M. M. *Problèmes de la poétique de Dostoievski*. Lausanne: L'Age d'homme. 1970.

BITTENCOURT, F. P. Espiritualismo e Materialismo. In: *Conferências Populares*, n. 8, ano 1876. Typ. Imp. E Const. De J. Villeneuve & Cia. Rio de Janeiro, 1876. pp. 40-54.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: _____. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CARULA, K. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Dissertação (Mestrado). Unicamp - Campinas, SP, 2007.

_____. Darwinismo e raça em Feliciano Pinheiro de Bittencourt. *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2013. pp. 8-20. Disponível em: <www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=992> Acesso em: 03 out. 2014.

FONSECA, M. R. F. da. As ‘Conferências Populares da Glória’: a divulgação do saber científico. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 1996. pp. 135-166.

FREITAS GIL, M. A inserção do espiritismo no universo cultural europeu: uma análise panorâmica. In: *Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH*, ano 2, n. 6, 2010. pp. 187-221. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf5/texto8.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2014.

GRILLO, S. V. de C. A estreita convivência entre notícia e anúncios na página dos jornais. In: *Intercom – Revista Brasileira de Comunicação*, v XXVI, n. 1, São Paulo/ECA, 2003. pp. 47-63.

_____. Épistémologie et genres du discours dans le cercle de Bakhtine. In: *Linx* [Em ligne], 56, 2007. Disponível em: <http://linx.revues.org/355>

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. Aspectos históricos da divulgação científica do Brasil. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C.; BRITO, F. (Orgs.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002. pp. 43-64.

SILVA, E. M. O Cristo reinterpretado: espíritas, teósofos e ocultistas do século XIX. In: *Revista Idéias*. Campinas, v. 4, 2002. pp. 25-37.

TODOROV, T. *Mikaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Édition du Seuil, 1981.

VOLOCHINOV, Valentin. (BAKHTIN, Mikhail) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.